



Verão



O verão é o resultado do que cada um deseja lembrar.

Recordo as imagens brilhantes dos meus oito anos.

Estou no jardim da minha avó, no meio das coisas e do zumbido dos insetos, inclinada sobre o pé de rosmaninho que cresce junto ao muro caído.

Arranco um ramo e levo-o ao nariz. O cheiro é forte e fresco.

Guardo-o no bolso dos calções para colocar mais tarde debaixo da almofada.

Aprendi e nunca mais me esqueci que afasta os sonhos maus.

Depois, apenas por um momento, deito-me de costas sobre as ervas secas e quebradiças, os braços abertos e esticados, olhando para o céu.

Guardei-o assim na cabeça para o resto da vida.

De dentro de casa ouço o meu nome.

Estão a chamar-me para o almoço, anunciando que há também limonada acabada de fazer.

O cheiro do rosmaninho, os raios e os reflexos do sol, a singularidade do céu, o som do meu próprio nome, os afetos e os pedidos simples.

Isto era tudo o que havia, e, no entanto, era uma imensidade.

O verão envolve os corpos num ato de oração silenciosa.

É como as contas de um rosário cujas voltas nunca terminam.

Talvez seja por isso que só sei viver o verão com a intensidade de uma devota.

M. S.

